

«A verdade é um puzzle que este livro vai revelando aos poucos, enquanto faz com que o leitor se apaixone por todas as personagens.»

NPR



# 0 Ausente



autora de

APARTAMENTO  
partilha-se

TOP  
SEL  
LER

BETH O'LEARY

## Siobhan

Ele não está aqui.

Siobhan expira lentamente pelo nariz. Tenta manter a calma, mas parece mais um *touro zangado* do que alguém num estado *zen*.

Desmarcou o pequeno-almoço com uma amiga para isto. Encaracolou o cabelo, pôs batom e fez a depilação (e não apenas até ao joelho, mas na perna toda, não fosse ele ter vontade de passar a mão pela sua coxa por baixo da mesa).

E ele nem se dignou a aparecer.

— Não estou zangada — conta ela a Fiona. Estão a fazer uma videochamada. Fazem-nas sempre, pois Siobhan acredita piamente no poder do contacto visual. Além disso, precisa que *alguém* veja como está fantástica nesse dia, nem que seja só a sua colega de casa. — Estou resignada. Ele é homem, logo, desiludiu-me. O que mais podia esperar?

— Estás a usar maquilhagem de fazer sexo — diz Fiona, semicerando os olhos na direção do ecrã. — E ainda nem são nove da manhã, Shiv.

Siobhan encolhe os ombros. Está sentada num daqueles cafés que se orgulha da sua peculiaridade, uma qualidade que ela acha sempre profundamente irritante em tudo e todos, e, em cima da mesa, à sua frente, está um *latte* duplo com leite de aveia ainda a meio. Se soubesse que iam deixá-la pendurada no Dia dos Namorados, teria pedido leite como deve ser. Siobhan só é vegana quando está bem-disposta.

— Sexo é o que nós fazemos — responde.

— Mesmo num encontro ao pequeno-almoço?

Na verdade, nunca tinham tido um encontro ao pequeno-almoço. Mas quando ela lhe disse que ia estar em Londres numa curta viagem, ele perguntou: «Por acaso apetece-te tomar o pequeno-almoço comigo amanhã?» Convidá-la para um encontro ao pequeno-almoço é algo significativo — ainda por cima no Dia dos Namorados. Regra geral, os seus encontros acontecem apenas nos quartos de hotel em que ela fica hospedada, normalmente depois das onze da noite. Encontram-se sempre na primeira sexta-feira de cada mês, assim como num ou noutra dia extra em que ela esteja em Londres.

E não há problema nenhum. É o suficiente. Siobhan não *quer* mais do que isso — ele vive em Inglaterra, ela, na Irlanda; são ambas pessoas ocupadas. O acordo tácito que têm funciona perfeitamente.

— Tens a certeza de que não lhe queres dar mais cinco minutos? — sugere Fiona, levando delicadamente a mão à boca enquanto engole os *cornflakes*. Está sentada à mesa da cozinha, o cabelo ainda preso numa trança que faz antes de ir dormir. — Talvez esteja apenas atrasado?

Siobhan sente uma pontada de saudades do seu apartamento, embora só tenha saído de casa há um dia. Sente falta do cheiro familiar a limão da cozinha, da paz do seu grande roupeiro. Sente falta da versão de si que ainda não cometeu o erro de esperar que o seu engate favorito se possa transformou em algo mais sério.

Bebe um pequeno gole do *latte* com toda a descontração que consegue invocar.

— Oh, por favor. Ele não vem — diz, encolhendo os ombros. — Já aceitei isso.

— Não achas que estar já a descartá-lo talvez seja um pouco...

— Fi. Ele disse oito e meia. Faltam dez para as nove. Deixou-me pendurada. É melhor se... — engole o leite — aceitar o facto e for à minha vida.

— Pronto, está bem — afirma Fiona com um suspiro. — Bem... Bebe o teu café, lembra-te de que és incrível e prepara-te para arrasar hoje. — A sua pronúncia americana aparece quando faz aqueles discursos motivacionais, mas, de resto, a maneira como fala já é tão

dublinense como a de Siobhan. Quando as duas se conheceram na Escola de Teatro Gaiety, ambas com 18 anos, Fiona era muito confiante e a sua pronúncia nova-iorquina não passava despercebida, mas dez anos de audições fracassadas conseguiram torná-la um pouco menos luminosa. Nunca tem muita sorte e fica sempre com papéis de substituta. Siobhan acredita mesmo que este será o ano de Fiona, como acreditou durante cada um dos últimos dez.

— Quando é que não estou pronta para arrasar? Por favor.

Siobhan atira o cabelo para trás no mesmo instante em que um homem passa por ela; ele embate na sua cadeira. O café oscila na mão do homem e gotículas aterram no ombro de Siobhan. Afundam-se no vestido vermelho-vivo e deixam uma pequena nódoa, duas marcas que se assemelham a um ponto e vírgula.

Aquilo tem potencial para ser um encontro furtivo engraçado. Por um instante, enquanto se vira, Siobhan ainda pondera a hipótese — ele até é atraente, alto, o tipo de homem que provavelmente tem um cão grande e uma gargalhada sonora. Mas depois ele diz:

— Nossa senhora, ainda cega alguém com esse cabelo todo!

E Siobhan decide que não, está demasiado irritada para aturar homens imponentes que não pedem logo desculpa por terem entornado café num vestido de alta-costura. Sente uma onda de calor justificadamente furioso a crescer-lhe no peito e fica grata pela sensação, aliviada até — é mesmo disso que precisa.

Estende a mão para tocar no braço dele, muito ao de leve. Ele abranda, com as sobranceiras ligeiramente levantadas. Ela faz uma pausa deliberada antes de falar.

— Não queria antes dizer: «Peço imensa desculpa?» — A sua voz é adocicada.

— Cuidado, amigo — diz Fiona do outro lado do telefone, que agora está encostado a um vaso de barro instável no centro da mesa.

Ele não é cuidadoso. Siobhan sabia que não seria.

— Por que razão, ao certo, quer que lhe peça desculpa, Rapunzel? — pergunta ele, seguindo o olhar dela para a mancha de café no seu ombro

e soltando uma gargalhada calorosa e indulgente. Faz de conta que semicerra os olhos, como se não existisse qualquer mancha ali. Tenta ser engraçado e, se ela estivesse bem-disposta, se estivesse com disposição para beber uma bebida vegetal, Siobhan até poderia ter alinhado na brincadeira. Mas, infelizmente para o homem que entornou o café, Siobhan acabou de ser deixada à espera, sozinha, no Dia dos Namorados.

— Este vestido custa quase dois mil euros — afirma ela. — Quer transferir já o valor total ou prefere pagar em prestações?

Ele inclina a cabeça para trás e ri-se. Alguns casais relanceiam para eles.

— Muito engraçada — diz ele.

— Não estou a brincar.

O sorriso dele esmorece e é então que a bomba explode. Ele eleva a voz primeiro; ela mostra-lhe o vestido na página do *NET-A-PORTER*; ele irrita-se e chama-lhe «mulherzinha desbocada», o que é ótimo, porque dá a Siobhan mais cinco minutos de munição, e Fiona ri-se no ecrã do telemóvel; durante alguns segundos, Siobhan quase se esquece de que está sozinha num café enfadonho e peculiar à espera de um homem que não apareceu.

— Tu és brutal, Shiv — diz Fiona com carinho quando Siobhan volta a recostar-se na cadeira.

O homem foi-se embora intempestivamente, depois de atirar uma nota de dez libras para cima da mesa para «pagar a lavandaria». Toda a gente a observa. Siobhan lança os caracóis louros que deram origem à discussão por cima do ombro e vira-se para a janela. Levanta o queixo. Empina o peito para fora. Cruza as pernas.

Com a cabeça voltada de lado, só Fiona consegue ver que ela está a tentar não chorar.

— Isso ajudou? — pergunta a amiga.

— Claro que ajudou. E estou dez libras mais rica. O que hei de comprar? — Siobhan funga e pega na ementa que está do outro lado da mesa. Vê as horas no seu relógio: são nove da manhã. Ainda só são nove da manhã e ela já está a ter um dia que vai ficar marcado como

péssimo. — Ovos estrelados, talvez? Um daqueles batidos de couve que trazem felicidade?

Bate com a mão na ementa e volta a afastá-la. O casal que está sentado na mesa ao lado sobressalta-se ligeiramente e fita-a com hesitação.

— Porra, este é, sem sombra de dúvida, o pior sítio para se ficar pendurada no Dia dos Namorados — declara. A fúria quente já se dissipou do seu peito e agora resta apenas tensão, a dor solitária e confusa das lágrimas que se aproximam.

— *Não* te deixes afetar por isto — diz Fiona. — Ele é um idiota, se te deixou pendurada.

— Ele *é* um idiota — repete Siobhan com ferocidade, a voz a ficar embargada.

Fiona permanece em silêncio. Siobhan suspeita que a amiga está a dar-lhe tempo para se recompor, o que a deixa ainda mais determinada a não libertar as duas lágrimas que ameaçam cair a qualquer momento por entre as pestanas e escorrer pelo rosto.

— Sei que isto era importante para ti, Shiv — diz Fiona, hesitante. — Já tiveste...? É o primeiro encontro sério desde o Cillian, não é?

Siobhan faz um ar carrancudo, concede a derrota e limpa os olhos.

— O quê? Achas que não tenho um encontro há três anos?

Fiona limita-se a esperar pacientemente; ambas sabem que não teve. Mas Fiona devia saber que não podia *mencionar* esse facto. Acaba por suspirar e perguntar:

— Então, vais dar-lhe um chuto no rabo?

— Oh, se vou, um grande chuto. *Acabou* — afirma Siobhan.

Ele vai arrepender-se do dia em que a deixou pendurada. Siobhan ainda não sabe bem como vai fazê-lo lamentar, mas pretende descobrir. E ele não vai gostar nadinha.

## *Miranda*

São 09h03 da manhã e ainda não apareceu ninguém. Miranda rói a unha do polegar e encosta-se ao carro, batendo com a bota no pneu. Aperta o rabo de cavalo. Verifica os atacadores das botas. Revista a mochila para se certificar de que tem tudo: duas garrafas de água, o equipamento de escalada, o serrote de mão que os pais lhe compraram no seu aniversário, com o nome gravado no cabo. Todos os objetos estão presentes e em condições, nenhum saltou da mochila como por magia durante a viagem de 20 minutos que a separa do seu apartamento.

São 9h07 e ela ouve o som de pneus sobre a gravilha. Miranda vira-se enquanto a carrinha de Jamie para. É de um verde luminoso, decorada com o logótipo da empresa: JDoyle. O coração de Miranda bate-lhe contra as costelas, como se fosse um pica-pau, e quando Jamie e o resto da equipa começam a sair, empertiga-se um pouco mais.

Jamie sorri-lhe amplamente à medida que se aproximam.

— AJ, Spikes, Trey, esta é a Miranda Rosso — apresenta-os.

Dois dos homens dirigem a Miranda um olhar a que já está habituada: a expressão assombrada e nervosa dos rapazes que foram instruídos a não serem mal-educados. Trey é baixo e corpulento, com olhos encovados um tanto taciturnos. Spikes é uma cabeça mais alto do que Trey e tem ar de jogador de rãguebi, o peito por baixo da t-shirt parece um barril. Ambos assentem na sua direção e, a seguir, concentram as suas atenções na árvore no canto do local onde estão estacionados.

O terceiro homem é AJ. Olha para Miranda com uma expressão muito diferente: observa-a de cima a baixo com o olhar descarado de um homem que ouve «não sejam mal-educados com a miúda nova» e encara o aviso como um desafio.

Miranda já foi advertida a respeito de AJ. Ele tem uma reputação e tanto. «O AJ já teve mais mulheres do que as árvores a que subiu», disse o antigo chefe de Miranda quando soube que ela se ia juntar à equipa de Jamie. «Tem o rosto de um anjo, mas o coração de um diabo impiedoso.»

Por isso, Miranda já se tinha preparado para os olhos verdes penetrantes, o queixo preenchido por barba, os braços musculados e tatuados. Está preparada para o erguer de sobrelance que ele lhe dirige quando os seus olhares se cruzam, a expressão que diz: «Eu como mulheres como tu ao pequeno-almoço.»

Porém, não está *completamente* preparada para o cachorro *cockapoo* que ele traz nos braços.

Precisa de olhar para ele duas vezes. AJ acaricia a cabeça do cão, implacável, como se levar um cachorro minúsculo para o local de trabalho fosse uma coisa perfeitamente normal.

— Ah, pois, este é o *Rip* — diz Jamie sem grande entusiasmo. — É um cão novo e, aparentemente, não pode ficar sozinho em casa. Não é verdade, AJ?

— Ele sofre de ansiedade de separação — responde AJ, levantando *Rip* um pouco mais sobre o peito largo e musculado.

Miranda esforça-se muito para não sorrir. O seu plano para lidar com AJ era ignorá-lo completamente — já percebeu que costuma ser a melhor estratégia para lidar com tipos convencidos. Mas... *caramba*, o cãozinho é mesmo fofo. Nunca consegue resistir aos cães que parecem ursos de peluche, com o pelo aos caracolinhos e o nariz arrebitado.

— Olá, *Rip* — diz ela, estendendo a mão para ele cheirar. — Olá, pequenino!

*Rip* começa a abanar a cauda contra o lado de AJ e Miranda tenta não derreter com aquela ternura.



— Ele gosta de ti — diz AJ, a voz doce como mel, o olhar atrevido enquanto percorre uma vez mais o corpo de Miranda de cima a baixo. De repente, o seu cérebro para, percebendo o que está a acontecer. O cachorro pode ser bonito, mas ela está a dedicar demasiada atenção ao peito do homem que o segura. Não era essa a sua estratégia.

— Olá — afirma ela, desviando os olhos de *Rip* e dirigindo o sorriso a *Trey* e a *Spikes*. — Muito prazer em conhecer-vos.

— A *Rosso* é uma trepadora e peras — diz *Jamie*, enquanto lhe dá uma palmada nas costas. — Deviam tê-la visto no desafio de socorro aéreo. Nunca vi ninguém trepar uma árvore tão depressa. Tens o teu próprio equipamento de escalada, não tens?

— Tenho — replica *Miranda*, apontando para a mochila.

— Vou mandar-te já para uma árvore grande — declara *Jamie*. — O cliente quer que removamos um terço da copa. — Aponta com a cabeça na direção de uma bétula prateada que se ergue sobre o jardim à frente da grandiosa casa onde estão parados. É uma árvore pouco robusta que se agita e verga com o vento. — Queres mostrar a estes rapazes como se faz?

— Sempre — responde *Miranda*, curvando-se para abrir a mochila e pegar no arnês.

Não há emoção que se compare à de subir uma árvore.

Quando *Miranda* tinha 15 anos, regressava a casa vinda da escola e ouviu alguns homens a gritar ao longe. Seguiu os sons até aos cirurgiões de árvores que treinavam no terreno da Faculdade de Gestão Agrícola, que ficava no cimo da rua da sua escola secundária. Havia uma fileira de pinheiros, altos e maravilhosos, com cordas amarelas e cor de laranja penduradas nos ramos. Lá em cima, os homens movimentavam-se através das árvores como o *Tarzan*, apoiavam-se sobre ganchos para agarrarem os troncos entre os joelhos, encostados para trás nos seus arneses. Um deles até estava de pernas para o ar.

Nunca tinha ocorrido a *Miranda* a ideia de que uma pessoa podia ganhar a vida a trepar às árvores.

O instrutor viu-a a observar os homens e disse-lhe que, na semana seguinte, iria haver um dia aberto e que, se ela quisesse, podia experimentar e ver se gostava. Mal sentiu um arnês a suster o seu peso, assim que chegou ao primeiro ramo e olhou para o chão que tremeluzia por baixo de si, ficou viciada.

Dez anos depois, não se limita a ganhar a vida a trepar às árvores, também o faz mesmo *muito bem*. E embora os pais continuem a não entender por que razão a filha mais velha insiste em ter uma profissão tão perigosa, visto que logo no primeiro dia de trabalho foi aconselhada a ter um bom seguro de vida, aceitaram-no com relutância, sobretudo porque toda a gente vê que Miranda é apaixonada pelo que faz.

No momento em que está em cima da bétula, com a corda de segurança principal ancorada no ramo mais alto que consegue suster o seu peso, Miranda esquece-se da existência de Trey, Spikes e AJ. Até se esquece de Carter, do almoço que combinaram e da roupa cuidadosamente dobrada no fundo da mochila, pronta para vestir. Estar em cima de uma árvore, a doze metros do chão, é absolutamente assustador, por muita experiência que se tenha, e quando se está a fazer isso não há espaço para mais *nada*. É só a pessoa, as cordas, o vento e a árvore a respirar à sua volta, a impedi-la de cair.

AJ está a aparar a vedação na parte da frente da propriedade, com Rip a saltitar, entusiasmado, em redor dos seus pés. Inicialmente, Jamie fica por perto para vigiar Miranda, mas cerca de meia hora depois decide ir-se embora e ajudar AJ. Os outros dois rapazes fazem o trabalho mais duro no solo, colocando os ramos na máquina de lascar. A manhã vai avançando por entre os rugidos das serras e o brilho do serrim a pairar no ar.

Miranda afrouxa a corda de segurança principal e aterra no chão com força, enterrando os calcanhares no solo por baixo da árvore. A corda desce sem problemas, nem sequer fica presa em lado nenhum. Foi uma manhã boa. O cabelo está a começar a escorregar do rabo de cavalo. Quando tira o capacete, tem algumas madeixas coladas à testa.

— Nada mau — diz AJ quando ela passa por ele e por Jamie.

— Obrigada — responde e sorri a Jamie. — Posso ir, chefe?

— Oh, já me lembro! — exclama Jamie, endireitando-se com uma braçada de ramos silvestres e os olhos a brilharem. Está no fim da casa dos 40 anos e já não é o mais rápido a trepar a uma árvore, nem aquele que corre riscos. Mas continua a ter um certo vigor destemido. Um excelente cirurgião de árvores é aquele que também tem um vício por adrenalina, mas na quantidade certa. Quando não é na quantidade certa, precisa de ter muita sorte. — Tens de sair à uma e meia, não é? Para o teu encontro?

Miranda sacode o serrim das calças de trabalho. Tem de usar suspensórios — as calças de segurança são feitas para homens e ficam-lhe sempre demasiado largas na cintura. Uma amiga que conheceu num curso de resgate aéreo deu-lhe a dica de que os suspensórios a salvariam da humilhação de um dia ficar com as calças pelos tornozelos.

— Sim! Vou almoçar fora — diz ela, soltando o gancho da serra e pousando-a na caixa da carrinha de Jamie. — Afinal, é Dia dos Namorados, sabes?

— A minha mulher lembrou-me disso hoje de manhã — diz Jamie, fazendo uma careta.

— Um encontro para almoçar? — pergunta AJ atrás dela.

Miranda nem se vira.

— O meu namorado queria encontrar-se comigo logo depois do meu primeiro trabalho com o Jamie.

— Ou então tem outra mulher para a hora do jantar — retorque AJ.

Miranda não costuma ter mau feitio. Imagina sempre que quem se comporta como um idiota deve ter alguma razão para isso, pelo que não vale a pena perder as estribeiras. Mas também sabe que a tolerância pode parecer fraqueza, principalmente quando se é mulher. Engole em seco.

— Então e quais são os teus planos para esta noite, AJ? — pergunta, fitando-o apenas durante o tempo suficiente para ver um sorriso de esguelha a surgir nos seus lábios. — Tens algum encontro?

— Depende — responde ele.

— De quê? — Miranda solta o cabelo do rabo de cavalo e passa-lhe com os dedos para o desembaraçar. Tem o cabelo grosso e escuro, frisado em redor do rosto, com caracóis mais definidos por baixo e frequentemente cheio de nós.

— Se o Jamie me deixa convidar-te para beber um copo esta noite ou não.

— AJ! — rosna Jamie. — De que é que falámos quando vínhamos para aqui?

Miranda cruza brevemente o olhar com o de AJ. Ele está a provocá-la, ou talvez a testá-la, mas o seu olhar tem uma intensidade genuína e ela percebe, sobressaltada, que ele era capaz de o fazer — de a convidar para beber um copo e depois levá-la para casa. Este homem lindo e perigoso.

Na verdade, é bastante lisonjeiro. Mesmo que saiba que ele se mete com tudo o que mexe.

— Porque não? Já sei que esta noite estás livre — diz AJ, cruzando os braços tatuados sobre o peito. Os seus bíceps são enormes. Miranda tem quase a certeza de que só entrelaçou os braços assim para ela reparar neles.

Mantém o queixo erguido.

— Não estou interessada — responde-lhe, com um sorriso. — Mas obrigada. — Vira-se novamente para Jamie.

— Amanhã às sete, certo? Depois mandas-me uma mensagem com a morada?

— «Não estou interessada» — repete Jamie. — Quando foi a última vez que ouviste isto de uma rapariga, AJ?

AJ encolhe os ombros e baixa-se para pegar em *Rip*. Quando Miranda se vai embora, sente que os olhos dele continuam a segui-la.

— Já lá vai algum tempo — diz ele. — Mas venço-as sempre pelo cansaço.

Miranda solta uma gargalhada ao ouvir a sua resposta.

— Esta rapariga não vences — declara ela alegremente, por cima do ombro. — Já sou comprometida.

— Com o Senhor Encontro ao Almoço — afirma AJ. — Que miúda com sorte.

Ela é sortuda. Na verdade, na maioria dos dias nem consegue acreditar na sorte que tem. O Carter é o tipo de homem que ela nunca imaginaria que olhasse para ela duas vezes: é extremamente *maduro*, tem um trabalho que paga bem, usa fatos feitos à medida. E é lindo. É um homem adulto lindo, não tem o aspeto mal-arranjado de AJ. Usa óculos com armações redondas e tem um queixo esculpido, masculino, um sorriso que derrete qualquer pessoa.

Conheceram-se através de Reg, um dos rapazes com quem Miranda trabalhava — ele e Carter jogavam futebol juntos e, certo dia, um ano antes, Miranda estava num bar com Reg quando metade da equipa entrou para beber um copo, depois de um jogo. Carter tinha acabado de tomar banho e vestia um fato de trabalho, porque se esquecera de levar outra roupa para depois do jogo, pelo que se destacava como um farol no meio dos outros, com aquele sorriso luminoso e o cabelo meio molhado. Enquanto o resto dos rapazes faziam troça dele por causa da roupa, ele baixou a cabeça num gesto tímido e desconcertado, os óculos refletiram a luz do bar e o estômago de Miranda ficou cheio de nós. Aquela atitude denunciou o rapaz por baixo dos ombros largos de homem crescido, fez com que ele parecesse mais acessível.

Miranda não conseguiu parar de olhar para ele e Carter acabou por reparar, dirigiu-lhe um pequeno sorriso tímido e curioso, um convite mais meigo do que ela estava à espera. Devia estar habituado a ter mulheres a atirarem-se a ele, pensou, mas ela não tinha expectativas nenhuma em relação a isso. No fim, com a coragem de três grandes cervejas, pediu a Reg que os apresentasse, zozna com o sorriso tímido que Carter lhe dirigira. «Rosso, Carter. Carter, Rosso», disse Reg. «Carter, paga-lhe um copo, esta é uma mulher que merece ser bem tratada.»

Agora, cinco meses depois, Carter parece continuar a seguir o conselho de Reg — o restaurante onde vai levá-la a almoçar no Dia dos Namorados é daqueles que nem têm o preço dos pratos na ementa,

mas têm pratos com rebordos vidrados e brilhantes. Não fica muito longe de Erstead, a cidade-dormitório de Surrey onde Miranda vive. Ela muda de roupa no McDonald's da esquina, aplica um pouco de batom e rímel e sente-se bastante bem consigo mesma durante os três minutos que demora a caminhar até ao restaurante. De seguida, passa de imediato a sentir-se infantil e mal vestida enquanto se encaminha para a mesa com o seu vestido azul justo ao peito e sapatos já gastos. As outras mulheres ali presentes têm todas um ar tão sofisticado.

Miranda levanta-se da cadeira para puxar discretamente o vestido para baixo, de modo a ficar sob a proteção da toalha de mesa. É um restaurante elegante, por isso, as alusões ao Dia dos Namorados são discretas: pétalas de rosa nas mesas, um aumento generalizado de velas acesas e uma certa atmosfera de superioridade.

Como chegou um pouco atrasada, Miranda demora algum tempo a perceber que já passa das 14 horas e não há sinais de Carter. Já é habitual ele atrasar-se, pelo que Miranda não fica muito surpreendida. Mas por volta das 14h30, quando o empregado de mesa lhe pergunta se quer uma bebida, pede uma *Coca-Cola* — começa a sentir-se conflagrada ali sentada, sozinha, rodeada de casais amorosos, a mexer no guardanapo, nervosa e a bater com o pé.

Envia uma mensagem a Carter: **Onde estás?! Beijos**

A seguir, outra: **Estás muito atrasado?**

E outra ainda: **Carter?? Olá?!**

Lentamente, deixa de ser uma mulher que está à espera do seu par e torna-se uma mulher que foi deixada pendurada. Nada mudou visivelmente — ela continua ali, a olhar para o telemóvel demasiadas vezes, a beber a bebida depressa demais. Mas toda a gente consegue ver que o seu estatuto muda a cada segundo que passa, e 45 minutos depois de se ter sentado à mesa, sem sequer mexer um músculo, Miranda transforma-se em alguém que inspira pena.

Até que não consegue aguentar mais a quietude. A cada minuto que passa, a agitação e a necessidade de mexer o corpo controlam-na, mesmo depois da manhã de trabalho que teve. Diz a si mesma que vai

esperar até às 15h10, mas às 15h05 levanta-se para ir pagar a bebida ao balcão.

Não há outra forma de o dizer: ele deixou-a pendurada.

Claro que deve existir uma explicação razoável para aquilo, diz a si mesma. Qualquer história muito engraçada. Ele vai contar-lha fazendo as vozes das outras pessoas — é mesmo muito bom com sotaques: consegue imitar na perfeição o sotaque italiano do pai dela e também já domina a pronúncia de um tipo de Liverpool que vive no prédio de Miranda. Vão acabar por se rir daquilo. Vai tornar-se uma das suas histórias, tipo: «Lembras-te daquela vez em que me deixaste pendurada no Dia dos Namorados?»

No entanto, naquele momento, não é uma situação nada agradável. Miranda morde o lábio enquanto espera pelo talão do multibanco. Sabe que vai perdoar Carter. Provavelmente até já o perdoou, mesmo antes de ele lhe dar a sua excelente explicação. Mas, por um instante, é muito agradável imaginar que é o género de mulher que não perdoaria. O género de mulher que diria: «Não estou para estas merdas. Se me deixares pendurada, pronto. Acabou-se.»

Miranda chega a casa às 16h30 e continua sem receber uma resposta de Carter. Tem saudades da sua antiga colega de casa — agora precisava mesmo de ter alguém solidário que lhe preparasse uma chávena de chá. Fica parada no meio da sala de estar, a ouvir o trânsito lá fora, enquanto se questiona se Carter decidiu que, afinal, ela não servia para ele.

*Estes pensamentos não te levam a lado nenhum, Miranda Rosso, diz a si mesma, tirando os sapatos de salto alto. Recompõe-te.*

Ainda nem são 17 horas — ainda tem o resto do dia pela frente. Vai aspirar o chão, fazer o jantar e deitar-se cedo. Não vale a pena ficar por ali a lamentar-se. Isso alguma vez fez bem a alguém?

## *Jane*

O segredo são os canapés. Desde que tenha uma miniatura de tarte de queijo de cabra na mão ou um pequeno crepe de vegetais na boca, Jane tem, no mínimo, três segundos de mastigação para pensar numa resposta quando lhe fazem perguntas inevitáveis mas terríveis, enquanto está numa festa de noivado e o rapaz com quem se ia encontrar a deixa pendurada.

— Ainda estás sozinha, querida? — pergunta Keira. Segura um copo de espumante em cada mão, mas ainda assim consegue empinar o peito; o colar desaparece brevemente no vale que se forma sob o decote do vestido de gala.

Keira ajuda na loja solidária do Conde de Langley dois dias por semana. É uma das pessoas mais determinadas a juntar Jane e Ronnie Langley, o filho do próprio conde e o homem que causou toda aquela confusão.

Quando Jane começou a trabalhar na loja, Ronnie interessou-se por ela. Toda a gente que trabalha na Fundação do Conde de Langley gosta muito de Ronnie, que tem um daqueles rostos tragicamente compostos que inspiram pena imediata. Ainda é solteiro, apesar de já ter 35 anos e de ser o herdeiro de uma mansão delapidada, coisa que toda a gente menos Jane parece achar o pináculo da elegibilidade.

Juntar Jane e Ronnie transformou-se numa espécie de missão coletiva do pessoal que trabalha na loja solidária. Por isso, Jane contou uma pequena mentira. Disse que já tinha namorado. Ao longo dos anos, a mentira foi crescendo, mas nunca foi posta à prova desta forma.



— Tenho a certeza de que ele está quase a chegar, deve ter ficado retido no trabalho — diz ela, soando pouco convencida, verificando as horas. Só passam quinze minutos das seis. Mais uma hora de «bebida e confraternização» antes de o jantar começar.

Keira olha para ela, as pestanas falsas a oscilarem enquanto observa a roupa de Jane: é a mesma que usou durante o dia no trabalho. A face de Jane torna-se avermelhada. Achou que conseguia safar-se com o vestido de algodão verde-pálido se tirasse o casaco de malha e as meias, mas, agora que ali está, é evidente que o vestido não é suficientemente formal. Atrás de Keira, a multidão adensa-se — estão ali *tantos* convidados, certamente mais pessoas do que as que Constance e Martin conhecem pelo nome. Estão no salão de festas, em Winchester; o tema do evento é, sem surpresas, o Dia dos Namorados. A decoração envolve uma quantidade ridícula de cor-de-rosa.

— Ouve, querida — diz Keira, as rugas a aprofundarem-se enquanto contrai o rosto. — Todos sabemos que tens inventado esta história do namorado. Mais vale assumires de uma vez por todas que...

— Jane, meu anjo, podes vir comigo? — chama Mortimer.

Jane vira-se para ele com uma expressão de eterna gratidão. Um ar de aborrecimento surge no rosto de Keira quando Mortimer a leva para longe da agitada orla da sala.

Mortimer Daperty tem 70 anos, usa um fato castanho todos os dias, almoça, sem falha, uma sanduíche de atum e diz coisas como «Adeusinho, Jane! Até amanhã, se Deus quiser!» quando se vai embora às 18 horas em ponto. Quando não há mais ninguém na loja, ele e Jane coexistem num silêncio caloroso, com aroma a bolas de naftalina e roupas doadas passadas a ferro. Entre si, emprestam livros em segunda mão, sem nunca precisarem de dizer uma única palavra.

— Estás com um ar absolutamente infeliz — diz Mortimer, num tom gentil.

— Eu não... não me sinto muito à vontade no meio de multidões — responde Jane, tentando acalmar a respiração.

— E o jovem que disseste que vinha ter contigo...?

Jane é muito boa a esquivar-se às perguntas pessoais que os colegas da loja lhe fazem. Mas Mortimer não costuma perguntar-lhe nada, por isso, apanha-a de surpresa e, antes de dar por ela, já lhe está a responder.

— Ele vinha só fazer-me um favor. Não estamos mesmo juntos, mas ele disse que vinha comigo para eu não ter de estar aqui sozinha. — Baixa os olhos para os sapatos. São discretos, de couro castanho suave, o tipo de sapatos que, noutros tempos, não calçaria nem morta. — A Keira tem razão: eu menti quando disse que tinha namorado.

Mortimer assente.

— É uma medida de proteção bastante razoável — afirma ele. — E este teu amigo não ligou sequer?

Jane esperava que Mortimer fizesse alguma espécie de juízo de valor ao saber a verdade, mas a expressão dele é bondosa.

— Não. Não ligou — diz ela, voltando a fitar os sapatos.

Mortimer faz um estalido com a língua, mas Jane não está desiludida com Joseph, está desiludida consigo mesma. Já devia saber que não pode contar com as outras pessoas. Hoje em dia, por norma, prefere plantas e gatos a seres humanos: as primeiras duas espécies têm um histórico muito melhor.

Desde que regressou a Winchester, Jane vai à Padaria Hoxton todas as manhãs comprar um iogurte baixo em calorias com fruta e granola. Na verdade, é uma despesa que não consegue justificar, mas a rotina é reconfortante, como calçar as mesmas botas confortáveis todos os dias.

Da primeira vez que viu Joseph na padaria, logo depois do Natal, parou tão subitamente que quase tropeçou nos próprios pés junto à porta. Reconheceu-o logo. Não sabia precisar de onde o conhecia, mas pareceu-lhe que ele era... importante. Talvez do seu antigo emprego? Exclamou em voz alta «Oh!» e sobressaltou-se, antes de se recordar de que fitar alguém é a forma mais rápida de chamar a atenção das pessoas, coisa que devia ser evitada a qualquer custo.

Joseph virou-se e olhou para ela, mas, aparentemente, não a reconheceu. Dirigiu-lhe um sorriso enorme e caloroso. Talvez um pouco perplexo.

— Olá — disse ele.

Jane ficou imóvel durante alguns instantes, petrificada, com os olhos arregalados. E depois...

— Desculpa, pensei que eras... outra pessoa — murmurou, evitando o olhar dele e apressando-se a ir para o fim da fila, longe da sua vista. Mas quando ele saiu da padaria com o seu *croissant*, ela continuou a sentir os olhos de Joseph pousados em si, curiosos e simpáticos. Depois disso, viu-o todas as manhãs durante duas semanas, embora continuasse sem o conseguir situar com exatidão. Não voltou a cometer o erro de o observar.

Mais tarde, quando Jane começava a descontrair um pouco:

— Isto é um bocadinho estranho, não é? — perguntou Joseph, virando-se subitamente sobre os calcanhares e olhando para ela enquanto esperavam na fila.

Jane pestanejou muito depressa.

— Desculpa? — conseguiu balbuciar, fitando o chão.

— Bem, sei muitas coisas sobre ti. Sei que usas essa camisola amarela às segundas-feiras e uma camisa azul-clara às terças, um vestido largo branco às quartas e o verde mais leve com um casaco de malha às quintas, às sextas-feiras usas um macacão cor-de-rosa. Sei que lês, porque trazes sempre um livro. E sei que gostas de pães de canela, porque olhas para eles todos os dias com uma expressão ligeiramente desejosa antes de pedires o teu iogurte. Vemo-nos aqui todos os dias. Mas não falamos.

Jane sentiu as palmas das mãos transpiradas. Nunca ninguém tinha percebido tão depressa a sua rotação de roupas. E tinha a certeza de que não olhava para os pães de canela com desejo — pelo menos, não *todas* as manhãs.

Até que, já incapaz de o evitar, levantou os olhos e cruzou o olhar com o dele.

Era um homem inquestionavelmente bonito, embora não o conseguisse explicar ao certo se lhe perguntassem porquê. O seu rosto era muito vivo e expressivo, as sobrancelhas um pouco retas e espessas

demais teriam parecido austeras num homem que sorrisse menos. A pele branca e cremosa estava corada nas maçãs do rosto devido ao calor da padaria e o queixo tinha uma barba discreta, um tom mais escuro do que o cabelo cor de avelã. Não havia nada no rosto dele que justificasse a razão por que era tão encantadoramente bonito, mas, quando ele fitou os seus olhos, ela sentiu aquela emoção perigosa e primitiva que se sente quando estamos na presença de alguém deslumbrante.

— Bem, não acho nada estranho — acaba ela por dizer. — Falas sempre com a pessoa que se senta ao teu lado no comboio?

— Falo — responde ele de imediato.

— Oh, mas isso é terrível — diz Jane, antes de conseguir impedir-se, e ele solta uma gargalhada.

— Chamo-me Joseph — diz ele. — Diz-me, onde é que arranjas tantos livros?

Foi assim que acabaram por criar um clube de leitura com apenas dois membros. Por norma, Jane não faz amizades com pessoas — ou melhor dizendo, as pessoas não fazem amizades com Jane. No entanto, sem saber bem como, alguns dias depois, deu consigo sentada para beber um café a um domingo de manhã, para falarem de *Exit West*, de Mohsin Hamid. «Os livros são o meu paraíso», disse-lhe ele, e Jane sentiu-se iluminar por dentro, porque os livros representavam *exatamente* o mesmo para ela.

Pelo menos, Jane assegurou-se de que não havia romance na relação entre ambos. Também usou a mentira do namorado com Joseph — uma medida de proteção, como disse Mortimer. Só no início de fevereiro, quando ela e Joseph já eram indiscutivelmente amigos, é que ela lhe confessou que, na verdade, não tinha namorado.

— Ah, mas isso é uma boa notícia — disse Joseph. — Porque estava a começar a pensar que esse tipo era um grande idiota.

— Porquê? — Jane tinha-se sempre esforçado muito para fazer com que o namorado fictício parecesse um espetáculo.

— Porque nunca aparece em lado nenhum! — afirmou Joseph, com uma gargalhada. — E nem te deu um presente no teu aniversário?

Era verdade: Jane não chegara ao ponto de comprar um presente para si mesma em nome do namorado fictício.

A descontração com que Joseph aceitou a sua confissão fê-la relaxar um pouco e, nas últimas semanas, tinham-se tornado bastante mais próximos. Ela desistiu de tentar perceber de onde o reconhecia — inicialmente, aquela sensação persistente e estranha de familiaridade tinha-a atraído para ele, mas agora já estavam muito para lá desse ponto. Ele era apenas Joseph.

E se, por vezes, Jane se deixa distrair um pouco pelo seu sorriso caloroso ou pela forma como os olhos dele ficam mais verdes dependendo da luz, a verdade é que dominou a arte de ignorar estas características.

Ele já sabe mais sobre Jane do que qualquer outra pessoa que ainda faça parte da sua vida. Não tudo, claro, mas ainda assim é quase chocante a forma como ele não liga nada a algumas partes de Jane que a própria encara como impossíveis de gostar: a sua tendência para dizer repentinamente o que está a pensar, as suas regras e rotinas, o seu carácter indeciso. Tem sido muito bom ter alguém com quem pode falar. Deu por si a pensar: *Qual é o mal?*

Agora, enquanto Keira vem muito decidida na sua direção com Ronnie ao lado, Jane pensa: *É isto. O mal é isto.*

— Jane — começa Keira, puxando Ronnie pelo braço. — O Ronnie estava agora mesmo a dizer-me que *também* não tem par para esta noite.

Ronnie treme visivelmente ao lado da formidável Keira. Mesmo a alguns passos de distância, ele emana um constrangimento e uma insegurança tão avassaladores que Jane os sente a irradiar por baixo do fato, como se fosse o calor que escapa de um forno.

— O-olá — diz ele. — É ótimo ver-te, Jane.

— O par da Jane... — Keira olha para ela, expectante.

Sob o olhar muito satisfeito de Keira, Jane desiste das desculpas «Está atrasado» ou «Deve chegar daqui a pouco».

— Não pode vir — completa ela.

— Oh, pobre Jane! Tem sempre tanto azar no amor! — exclama Keira.

Jane não faz ideia de onde ela foi buscar aquela ideia, embora seja, irritantemente, bastante precisa.

— A tua mãe já anda a pressionar-te para lhe dares netos? Eu ando há anos a tentar convencer os meus filhos, mas eles continuam a arrastar os pés — afirma Keira, bebendo um gole da sua bebida.

Jane cerra os dentes um instante antes de lhe responder.

— A minha mãe já morreu — diz ela.

Keira recua. Abre e fecha a boca. Esta é sempre a pior parte de todas as conversas: o silêncio que paira no ar enquanto a outra pessoa decide que frase sentimental vai usar como resposta.

— Oh, querida, não sabia! Nunca disseste nada! — exclama Keira, baixando a voz. — Foi por *isso* que deixaste Londres e vieste para cá?

A palavra *Londres* faz Jane estremecer, como se alguém tivesse acabado de lhe agarrar um ombro. Keira não é capaz de deixar o assunto em paz; de uma forma ou de outra, pergunta-lhe pelo menos uma vez por mês por que motivo deixou a cidade, sempre com a persistência jovial de uma verdadeira e talentosa coscuvilheira.

— Não — responde Jane, cuidadosa para manter a voz estável. — A minha mãe já morreu há muito tempo, eu ainda era pequena. Mal me lembro dela.

— Que *tragédia* terrível — diz Keira.

Ronnie apoia-se ora num pé, ora no outro, desconfortável, parecendo uma criança aflita para ir à casa de banho. Keira dá uma palmadinha no braço despido de Jane, a sua mão transpirada e bem-intencionada. Jane recorre a todas as suas forças para não a enxotar. Não gosta que lhe toquem quando está triste. Ultimamente, quase ninguém lhe toca, por isso, a sensação é ainda mais desagradável, como quando vestimos uma camisola de lã que pica a pele depois de termos usado uma de seda.

— Bem, tens-nos a nós, querida, nós cuidamos de ti — declara Keira. Dirige um pestanejar de olhos exagerado e lacrimoso a Jane. — Porque é que o Ronnie não fica com o lugar do teu par durante o jantar? Hum? Quem sabe, pode ser o início de uma nova história para ti!

\*

Na manhã seguinte, quando Jane entra na loja, procura discretamente por Keira antes de se encaminhar para a caixa. A festa de noivado foi um inferno. Só apareceu por causa de Constance, que se vai casar e que sempre foi bondosa para ela enquanto trabalharam juntas na loja. O evento foi uma recordação útil de que as coisas nunca acabam bem quando Jane sai da sua zona de conforto. Inspira o cheiro bafo da loja e começa a sua rotina habitual de início de dia de trabalho: faz uma boa limpeza, depois liga a caixa e, a seguir, dedica-se a esvaziar os sacos de doações.

O chão da loja já foi varrido e há flores frescas na jarra na mesa de centro ao lado das estantes com livros, que ajudam a animar o espaço. A loja solidária do Conde de Langley fica num dos edifícios quinhentistas no nordeste da cidade, perto do rio: está cheia de traves de madeira escura curvas, chão de madeira que estala e crepita e bolor que trepa pela parede atrás da sanita na casa de banho dos funcionários, como se fosse uma maré a subir pela areia. O edifício da loja pertence à Fundação do Conde de Langley, uma instituição que apoia pessoas que se aproximam do fim da vida. O seu financiamento diminui quase à mesma velocidade a que o bolor aumenta.

— Jane!

Estremece. É Keira, que aparece vinda da sala das traseiras: Jane devia ter percebido quando viu as flores frescas. Quando se vira, vê que Constance e Mortimer também ali estão. É um número absolutamente inaceitável de pessoas para trabalharem na loja no mesmo dia, e Constance não devia estar na cama com o noivo?

— Oh, querida — diz Keira, ao baixar os braços estendidos. — Passei uma noite horrível a pensar em ti na festa, sozinha. Queres sentar-te um bocadinho e falar disso? O Ronnie não foi encantador durante o jantar?

A sério, *certamente* Jane não vai ter de aguentar um dia inteiro disto. Não *pode*.

— Jane? — ouve-se uma voz atrás dela, ao mesmo tempo que as campainhas da porta tilintam.

Vira-se para a entrada. Com a cabeça curvada enquanto passa pela porta de trave baixa, vestido com uma camisola de lã cinzenta, está Joseph.

— Jane, peço *imensa* desculpa — diz, encaminhando-se para junto deles. — Olá a todos, sou o Joseph. É um prazer conhecer-vos. Desculpa não ter conseguido ir à festa ontem.

E, de seguida, pousa suavemente a mão no fundo das costas de Jane e beija-a no rosto com ternura.

É um beijo doce, normal entre namorados. Fá-lo de forma tão confortável, tão natural, que Jane ainda fica mais espantada ao sentir a pontada de desejo que a trespassa quando os lábios dele tocam na sua pele.

Joseph nunca lhe tinha tocado. Nem uma única vez. Não apertaram a mão quando se conheceram, nem sequer dão um daqueles abraços breves quando se encontram. Ele não a segura pelo cotovelo quando caminham por entre a multidão. Ela gosta disso nele: que não seja uma pessoa táctil, e essa distância, essa ausência de sedução, é o que a faz sentir-se confortável.

Mas também significa que, até àquele mesmíssimo instante, não fazia ideia de como o seu corpo iria reagir ao toque dos lábios de Joseph na sua pele. Sente o coração a palpitar, tem calor e os lábios estão entreabertos. Tudo por causa de um minúsculo segundo de contacto.

Mortimer convida Joseph a sentar-se na sala das traseiras e o coração de Jane acalma-se aos poucos; observa os outros à medida que puxam cadeiras para se sentarem. Keira fita Joseph de boca aberta — Jane até vê que ela tem um bocadinho de qualquer coisa verde entre os dentes. Constance está de olhos arregalados e muito espantada: parece que Keira já lhe contara sobre a noite de ontem. E Jane não consegue evitar que um sorriso se espalhe pelos seus lábios. Realmente, a sensação de deixar toda a gente surpreendida, para variar, é bastante boa.



— Lamento muito, Jane — diz-lhe Joseph ao ouvido enquanto todos se sentam num círculo meio torto entre sacos de lixo e caixas da sala das traseiras. — Vou compensar-te por isto.

O rosto dele está vincado com preocupação, enrugado e com uma expressão intrigada, mas são os seus lábios que captam a atenção de Jane. Nunca tinha reparado na sua cor — um vermelho-acastanhado mate. São lábios românticos. O tipo de lábios que sabem exatamente o que devem fazer.

— Não há problema — replica ela.

— Há problema, sim. Deixei-te ficar mal.

Começa a partilhar a história, deixando o grupo deliciado. Partiu o telemóvel, depois, aparentemente, ficou preso no trânsito atrás de uma apanhadora de cerejas, que Jane presume que é uma espécie qualquer de veículo, a seguir, avariou-se o carro e o motorista da apanhadora de cerejas ajudou-o a levá-lo para um lugar seguro; a assistência automóvel demorou muito tempo a chegar e ele não se conseguiu lembrar do número de Jane...

Alguns minutos depois, fogem os dois para a cozinha para prepararem um café a Joseph. Na verdade, o espaço mais parece um armário do que uma cozinha, tem um exaustor antigo que faz um barulho semelhante ao de um fumador com catarro, mas sempre é um lugar mais privado.

— Alguma destas coisas que contaste é verdade? — pergunta Jane. — O carro, a apanhadora de cerejas, a assistência automóvel?

Joseph fecha os olhos por um instante e suspira. Muitas vezes, quando chega a algum lado, tem um certo ar desalinado, aéreo, uma postura um pouco agitada e inquieta, como se tentasse estar em vários sítios ao mesmo tempo. Mas naquele dia parece estar mais incomodado do que aéreo. Tem um ar exausto.

— Não. Algumas coisas são verdade, mas não todas.

Jane assente e baixa os olhos para o café. Costumava bebê-lo simples, mas agora acrescenta um pouco de leite, por vezes até mesmo um bocadinho de natas.

— Eu desiludi-te, Jane. Por favor, olha para mim.

Ela levanta o olhar, mas este acaba por ir parar de novo aos lábios dele. Não consegue encontrar vontade para ficar zangada com ele por não ter aparecido na noite anterior, porque o cérebro está ocupado com aquele beijo, com o meio segundo em que ela baixou as suas defesas e permitiu que Joseph mudasse de categoria no arquivo que é a sua mente.

Não que *nunca* tenha pensado em sair com Joseph. Afinal, ele é um homem muito atraente e, tanto quanto Jane sabe, é solteiro — nunca lhe falou em nenhuma namorada. Não, o que se passou é que ela ignorou sempre o impulso, sabendo como seria absolutamente parvo que, se algum dia se permitisse olhar para Joseph dessa forma, teria de o afastar completamente da sua vida. E ele faz com que seja fácil manter essa distância segura: é muito cuidadoso quando está com ela, como se pressentisse que ela é fugidia ou que pode desaparecer, como um veado assustado, se ele se aproximar demasiado.

— Ontem tive um dia muito, muito mau — diz ele. Baixa os olhos e esfrega o cabelo com uma das mãos. — Quem me dera... poder voltar atrás e fazer tudo de forma diferente.

Uma parte do truque para não deixar as pessoas entrarem no nosso coração é não querer saber quando nos estão a mentir; não querer saber, de todo, o que estão a dizer. Com Joseph, isto é mais difícil do que devia ser. Jane não tem sido muito cuidadosa.

— Está bem — retorque ela um instante depois.

Joseph para, com a mão ainda no cabelo, e concentra toda a sua atenção nela. É esta a diferença entre o Joseph-que-acabou-de-chegar e o Joseph-que-está-presente. Mal ele assenta, ouve-a, ouve-a *mesmo*, com o tipo de atenção que a maioria das pessoas se limita a fingir.

— O quê? A sério? — questiona ele.

— Sim, a sério. Tu estavas a fazer-me um favor enorme ao vires comigo à festa de noivado da minha colega e fazeres de conta que eras meu namorado. Foi um favor muito estranho, este que te pedi.

Ela fica com o rosto corado só de pensar nisso. Tinham pensado na ideia durante o último encontro do clube de leitura. Ela falara-lhe um

pouco sobre como mentira no trabalho, como a história escalara, como seria constrangedor na festa de noivado quando descobrissem que, afinal, não havia namorado nenhum, e ele disse: «Podes sempre levar-me a mim. Eu sou um ótimo namorado falso. E adoro qualquer desculpa para usar um smoking.»

— Tu estás... — Joseph abana ligeiramente a cabeça. — Tu devias estar a gritar comigo.

Ele tem um ar tão cansado, agora que não está a atuar em frente dos colegas dela — as rugas nos cantos dos olhos cor de avelã parecem mais profundas do que quando o viu há alguns dias e a pele está seca e macilenta. Observa-o com mais atenção: no canto da sobrancelha, tem uma ligeira sombra de uma nódoa negra, como se tivesse levado um murro.

— Não estás com cara de quem precisa de gritos — diz ela, questionando-se se será má educação perguntar pela nódoa negra.

— Estou, sim — replica ele, fervorosamente. — Mereço muitos, muitos gritos. Eu... merda. — Jane olha para ele com um ar curioso. — Sei por que razão não estás zangada comigo — diz, batendo com a mão na testa. — É porque não esperas nada melhor.

— Desculpa?

— Eu acabei de validar aquilo que tu pensas sobre as pessoas, sobre a forma como te desiludem sempre, não foi? Não estás zangada comigo, porque nem sequer ficaste surpreendida.

Na realidade, Jane ficou ligeiramente surpreendida. Mas, durante a noite, ralhou consigo mesma pela falta de discernimento, e agora aqui está ela, a recordar em segurança por que motivo desistiu de tentar fazer amigos.

— Eu pedi demasiado de ti, mais nada — afirma Jane, com um sorriso tímido. — Mas não te preocupes. Eu cometo muitos erros, mas tento sempre não cometer o mesmo duas vezes.

# TRÊS MULHERES. TRÊS ENCONTROS. NENHUM ACONTECEU.

**8h52:** Shiobhan está ansiosa pelo seu encontro de pequeno-almoço com Joseph. Ficou surpreendida com o convite, pois costumam encontrar-se apenas à noite, em quartos de hotel, quando ela está em Londres em sessões de trabalho como *life coach*. Um encontro no Dia dos Namorados só pode significar que as coisas estão a ficar mais sérias. Mas, se é assim, onde é que ele se meteu?

**14h43:** Para Miranda, o almoço do Dia dos Namorados com Carter será uma ótima oportunidade para celebrar o seu novo trabalho como cirurgiã de árvores. As coisas parecem estar finalmente a encaixar-se: tem um trabalho que adora e uma relação que dura há cinco meses com um homem que parece maravilhoso. Então, porque é que ele não apareceu?

**18h30:** Jane contava que Joseph Carter cumprisse a sua promessa de a acompanhar à festa de noivado de uma colega de trabalho da loja solidária, fingindo ser o seu namorado. Eles não se conhecem há muito tempo, mas a amizade que os uniu em torno dos livros é a parte preferida de Jane da sua nova vida em Winchester. E ele prometeu não a deixar sozinha esta noite, mas a verdade é que falhou.

O que une estas três mulheres parece ser apenas o facto de terem ficado penduradas no Dia dos Namorados. Mas será que o motivo para isso é assim tão óbvio? Ou haverá algo mais na história de Joseph Carter?

LEIA TAMBÉM, DA MESMA AUTORA:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Ficção Romântica

 penguinlivros.pt

  topseller.editora

ISBN 9789896237875



9 789896 237875 >